



Entrevista

Márcio Pochmann

A Rádio Juventude bateu um papo com o economista e professor Márcio Pochmann, que estuda a inserção da juventude no mercado de trabalho no Brasil, além de ser uma referência importante no debate sobre os rumos da economia e do desenvolvimento nacional. Assim, o tema da conversa que reproduzimos aqui não poderia ser outro: mercado de trabalho juvenil.

Entrevista realizada por Euzébio Jorge

JUVENTUDE.BR: Professor, nós estamos vivendo um período de mudanças no mercado de trabalho no Brasil que impactam a juventude, então gostaríamos da sua opinião sobre as características do mercado de trabalho para os jovens no Brasil e na América Latina. A primeira questão é: existe alguma importância em

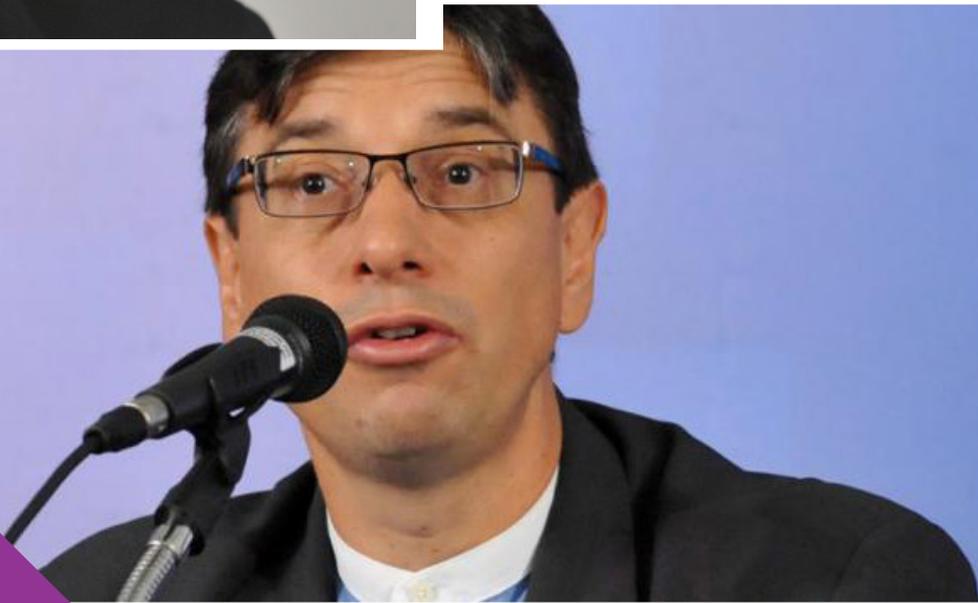
debater mercado de trabalho juvenil, ou seja, existe uma característica distinta do mercado de trabalho para o jovem em relação ao mercado de trabalho como todo?

MÁRCIO POCHMANN: Esta é uma questão bastante importante por dois

motivos. O primeiro é que ela abre a possibilidade de chamar atenção para o fato de que o mercado de trabalho não é algo homogêneo. Pelo contrário, ele tem diferenças significativas. Podemos olhar as características da população por faixa etária, como, no caso, jovens e não jovens; ou para a questão de gênero, por exemplo: há diferenças importantes de inserção da mulher e do homem no mercado de trabalho. Nós temos diferenças significativas, no Brasil, pela questão da cor: negros, brancos, amarelos, enfim, tem diferentes formas de entrada e manutenção no interior do mercado de trabalho. O mercado de trabalho é um conceito bastante amplo, que diz respeito



Marcio Pochmann é um economista e político brasileiro. Formou-se em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1984.



Atualmente tem 49 livros publicados na condição de autor e coautor nas áreas de economia, sociedade e políticas públicas em diversas editoras.

a um mundo muito heterogêneo daqueles que precisam da sua força de trabalho física e mental para buscar um rendimento que lhe permita sobreviver, ele ou a família na qual ele se encontra relacionado.

O segundo motivo porque esta pergunta é importante é a combinação de dois eventos que nós estamos vivendo, não apenas no Brasil. Podemos ver com bastante precisão estes dois movimentos, de ordem estrutural, que decorrem justamente da mudança demográfica pela qual o Brasil vem passando. Há um processo que decorre da queda do número de filhos por mulher, redução da taxa de fecundidade, isso vem reproduzindo-se através de um menor número de crianças e adolescentes na sociedade brasileira. Em termos relativos esta queda é inegável, e ao mesmo tempo há elevação da longevidade da vida, que é o segundo movimento estrutural que eu mencionei. Ou seja, hoje quem chega aos 60 anos de idade, segundo o IBGE, tem uma expectativa de viver em média mais 22 anos, o que implicaria, por hipótese, uma expectativa de vida de 82 anos de idade. Então aqueles que

estão no Brasil nascendo nesta década, ou nasceram na década passada, ou vão nascer nas próximas décadas, deverão ter uma expectativa de vida ao redor de 100 anos de idade. Essa é uma mudança estrutural muito importante, porque nós não podemos mais pensar no mercado de trabalho e, sobretudo, no jovem, na mesma perspectiva de que eram pensadas as políticas até agora. É preciso mudar o entendimento acerca da juventude como uma etapa, como uma mera transição da adolescência para a vida adulta, porque nós estamos falando, agora, de uma expectativa de vida muito maior.

JUVENTUDE.BR: O próprio conceito de juventude é relativamente recente na história...

MP: Sim, a ideia de juventude como uma fase de transição da adolescência para a vida adulta, é de fato uma construção fundamentalmente da sociedade urbana industrial. Entre os índios, por exemplo, não existe a ideia de jovem: ou é criança ou é adulto. Na sociedade agrária de maneira geral, pelo fato de que se começava



a trabalhar já aos 5 ou 6 anos de idade, a criança ajudando em casa, ou mesmo fora de casa, na vida agropastoril, também não existia a identificação da juventude. Este conceito é relativamente recente, praticamente do final do século XIX em diante, e ele vem sendo utilizado muitas vezes como marketing, identificando um segmento apropriado pra um consumo diferenciado em relação aos adultos. Ocorre que as políticas que se concentraram na juventude, em geral olham para ela justamente como uma fase de transição, fase em que se concentra o tema da educação, por exemplo, que é algo que antecederia o ingresso do jovem no mercado de trabalho. Assim, na sociedade agrária começava-se a trabalhar muito cedo e na sociedade urbana industrial começa-se mais tarde, e esta transição vai acompanhada pela presença da escola.

Eu estou dizendo isso porque dentro desta mudança estrutural demográfica nós precisamos repensar o tema da juventude não mais como, no meu modo de ver, um conceito de transição, mas como uma fase significativa da vida, porque nós não estamos falando isso hoje. Na sociedade agrária a expectativa de vida da população era de 34, 35 anos de idade. Na sociedade urbana industrial, aquela a que nós estamos dizendo adeus, a expectativa de vida sai de 34, 35 para 58, 60 anos. Nós estamos falando agora de uma expectativa de vida de 100 anos de idade, portanto a ideia da juventude, o conceito de juventude que estaria entre o intervalo de 16 a 24 anos de idade, é um tempo relativamente grande pra alguém que vive 60 anos, mas para alguém que vai viver 100 anos, obviamente você precisa alargá-lo, e identificar que não pode ser mais apenas uma perspectiva de transição, até porque nesta sociedade que nós estamos agora construindo, mais socialmente urbana do que industrial, uma sociedade dos serviços, há um apelo muito grande ao conhecimento como principal ativo. Nesta sociedade mais complexa, que tem uma presença muito grande de informação e comunicação, por exemplo, a educação não poderá mais ser apenas para uma fase precoce da vida, só pra criança, adolescente e jovem. Na sociedade urbana industrial quem estuda são as crianças, os adolescentes e alguns jovens que chegam ao ensino superior, porque uma vez ingressado na vida adulta para adentrar ao mercado de trabalho, praticamente ninguém mais estuda, a não ser profissionais da educação, professores, ou pesquisadores; mas de maneira geral a população não estuda depois que ingressa no mercado de trabalho, porque parte do pressuposto de que sabe tudo. No máximo lê uma revistinha, um jornal, mas o que eu estou chamando a atenção é que nós estamos numa sociedade muito mais complexa e que a educação, o conhecimento, a informação, é algo que deverá acompanhar ao longo da vida. Não pode ser uma educação apenas e tão somente para o trabalho, mas para vida, para a complexidade da vida, para

problemas que nós presenciamos que é uma crise de incivilidade, a decadência das famílias como sendo uma unidade fundamental na formação de valores, enfim, é um tema bastante largo... até que eu avancei bastante, mas pra lhe dizer que na verdade nós estamos diante de um movimento estrutural, que altera a estrutura de composição da sociedade em função da longevidade e da redução da presença de crianças e adolescentes e jovens na população.

JUVENTUDE.BR: Professor, poderíamos caracterizar a juventude por quais elementos? Quer dizer, levando em consideração esta observação de que o estudo deve acompanhar o indivíduo por toda a vida, e ainda a realidade de que muitos jovens conciliam estudo e trabalho, o que o senhor acha que deveria caracterizar essa faixa etária, que é o jovem, nessa nova quadra histórica?

MP: Penso que é difícil tratar apenas do conceito de jovem, porque há também a ideia de adulto e velho. Essa divisão etária das pessoas, que é uma construção da sociedade urbana industrial, foi muito apropriada na medida em que parte do pressuposto que a criança, o adolescente e o jovem são fases de formação e transição para a vida adulta, então você tem a vida em geral quando a pessoa entra no mercado de trabalho, e quando ela está encerrando a atividade no mercado de trabalho ela deixa de ser adulta e passa a ser velha, vai para a inatividade, aposentadoria, coisas desse tipo. O que nós estamos percebendo, é que as pessoas que estão cumprindo requisitos de trabalho necessários, aposentam-se e não exercem a aposentadoria, até recebem o benefício, mas continuam trabalhando. No Brasil, por exemplo, nós temos um terço dos 27 milhões de aposentados e pensionistas que cumprem os requisitos devidamente e recebem uma transferência de renda do Estado, mas continuam trabalhando. Porque nesta sociedade há o trabalho imaterial, o serviço, então é uma sociedade em que as pessoas chegam aos 60, 70, 80, 90 anos e podem ser ativas no mercado de trabalho, pondo em questão o próprio conceito de velhice. Inclusive não se fala mais velho, hoje é melhor idade, terceira idade... Há uma confusão, e infelizmente as ciências humanas não estão tratando desta complexidade.

Ao mesmo tempo, não podemos dizer que alguém com 25, 26, até 30 anos, não é necessariamente adulto, dada a complexidade do mercado de trabalho. Quer dizer, você precisa estudar a vida toda porque o mercado de trabalho se altera, porque você não vai ter mais o emprego que você entra aos 17 ou 18 anos e vai permanecer durante 30 a 35 anos na mesma função. Ou seja, vai mudar, está mudando, não é possível demarcar, portanto, a condição de adulto nesta circunstância. Veja a questão de gênero: dada as mudanças de saúde pública, hoje nós estamos vendo as

A nossa perspectiva política de políticas públicas, é uma perspectiva do século XIX

mulheres com possibilidades de terem filhos mais tardiamente, em geral na sociedade urbana industrial as mulheres ao redor dos 30 anos praticamente já abandonaram a perspectiva da reprodução, hoje nós estamos tendo casos de mulheres com 40 anos, até com 50 anos, isso vai alterar profundamente a própria inserção da mulher no mercado de trabalho. As possibilidades da reprodução humana não necessariamente vir da relação sexual... nós temos tantas questões novas, métodos alternativos de concepção, contracepção, então eu diria que este tema é extremamente rico e ao mesmo tempo complexo, que denota justamente uma má compreensão desta mudança estrutural que se combina a uma mudança de caráter mais conjuntural que nós estamos vivendo no Brasil, que é um ponto de inflexão que está representado no ano de 2015. Nós vínhamos basicamente dos anos 2000 para 2013, 2014 no movimento de postergação do ingresso de jovens no mercado de trabalho, especialmente daqueles pertencentes a famílias de menor renda, cerca de 5 milhões de jovens deixaram de entrar no mercado de trabalho, embora tivessem concluído 16 anos de idade, porque, possivelmente, com a elevação da renda das suas famílias houve a possibilidade de financiar a inatividade por mais tempo, portanto, puderam entrar tardiamente no mercado de trabalho (algo parecido acontece com os filhos dos ricos). Mas em 2015, já em 2014 há um prenúncio que estaria numa pressão muito grande de jovens entrando agora no mercado de trabalho.

JUVENTUDE.BR: Voltando para o mercado de trabalho?

MP: Não estaria voltando porque não tinham entrado, mas estar abandonando esta possibilidade de permanecer mais tempo estudando para entrar depois no mercado de trabalho, porque há uma certa solidariedade nas famílias que, em função da perda do emprego do chefe de família, do pai, da mãe, de alguém, então este jovem está sendo pressionado a buscar um emprego. Esta é uma questão conjuntural. Não sei lhe dizer se a partir de uma trajetória que se inicia nos anos 2000, muito interessante e positiva que estava em curso no Brasil, isso é apenas um ponto de inflexão e a partir do ano que vem a gente retoma a trajetória anterior, ou se de fato é uma ruptura. Nós tivemos anos positivos, em que foi possível combinar a postergação do ingresso no mercado de trabalho com a elevação das rendas das famílias, e agora entramos em uma fase que é muito comum no Brasil, de queda nas rendas das famílias e

a pressão muito cedo para o jovem entrar no mercado de trabalho, e aí ele entra sem a educação completa, e infelizmente vai estar submetido a postos de trabalhos muito precários.

JUVENTUDE.BR: Eu vou continuar sobre esta questão do Brasil, aqui a gente tem o jovem sempre pressionando o mercado de trabalho, diferente do que acontece na Europa, mesmo na América Latina. Em países com Argentina, Chile, existe muito menos pressão para que os jovens estejam no mercado de trabalho do que há no Brasil. Isso é uma característica estrutural do nosso mercado de trabalho? Deve haver políticas ativas que impeçam isso, essa entrada do jovem no mercado de trabalho?

MP: Na Argentina a taxa de frequência na universidade, no ensino superior é de 42%, aqui é de 14%. Bom, é verdade que a taxa de atividade juvenil é relativamente alta no Brasil, comparada aos outros países, agora também não acredito que é possível falar a respeito de uma juventude no Brasil, há juventudes. Porque se você analisar a taxa de atividade de jovens de famílias de renda mais elevada, o ingresso é bem tardio no mercado de trabalho, em geral depois de ter completado o ensino superior, quando não a pós-graduação, depois dos 22, 23, 24 anos de idade. É claro que como a maior parte da população pertence a famílias de renda menor, é isso que o faz esta pressão, o jovem não tem escolha, o mercado de trabalho é a única alternativa que ele tem, a não ser que haja elevação da renda das famílias e que elas possam financiar privadamente a inatividade do jovem, porque é assim que os ricos fazem. Os filhos dos ricos entram mais tardiamente no mercado de trabalho, e por isso entram mais preparados e ocupam os principais postos, são os que fazem os principais concursos para o setor público, são os que ocupam as principais vagas, de tal forma que este ingresso heterogêneo no mercado de trabalho termina com que o mercado de trabalho reproduza a desigualdade que é originária na péssima distribuição de renda que o país tem. Então quem entra mais tarde, tem salários maiores, filho de pobre entra muito cedo, com salários menores, de forma que o mercado de trabalho reproduz esta desigualdade, ele não necessariamente produz, ele reproduz.

Bom, o que pode ser feito? Evidentemente que o que nós vimos no Brasil em termos de oportunidade de elevação da renda é algo que fez com que parte das famílias financiassem privadamente a inatividade dos seus filhos. Assim, reduzir a pressão do jovem no mercado de trabalho dependeria das melhores condições de vida de suas famílias, mas, ao mesmo tempo, dependeria de políticas públicas que o Brasil jamais ousou construir propriamente. Nós somos, na verdade, um país que não tem uma política que possa

Na Argentina a taxa de frequência na universidade, no ensino superior é de 42%, aqui é de 14%

viabilizar para o jovem de uma forma abrangente o tempo livre. O jovem, a criança o adolescente precisam ter tempo livre, mas este tempo livre não pode ser compartilhado através de políticas públicas hoje, porque com o processo de urbanização que nós temos, houve uma redução dos espaços públicos. Há 30, 40 anos atrás, em cada cidade havia um campinho de futebol na esquina, quer dizer, minimamente você se organizava ocupando espaço público de forma coletiva. Hoje, onde se concentra a população não há esta oportunidade, então quais são as oportunidades de ocupação do tempo livre? Em geral a ocupação do tempo livre é mercantil, porque os sonhos dos prefeitos há 40, 50 anos atrás era construir espaços públicos, praças, centros de entretenimento, centros de lazer, centros comunitários, e isso praticamente foi abandonado, hoje os prefeitos se confortam ao saber que vai abrir um novo shopping center, não é? Como sendo o shopping center um espaço que poderia acomodar o tempo livre, mas obviamente para dentro do mercado, o que pressupõe ter renda, nós tivemos rolezinho, uma tentativa dos jovens da periferia de ter acesso ao shopping center. E há uma repulsa neste sentido, então o que quero chamar atenção, na realidade, é que a nossa experiência recente de democracia não criou uma pauta para a juventude que não seja enquadrá-la no sistema educacional, que é o que nós conseguimos avançar: ensino técnico, universidade, isso tudo melhorou, perfeito, mas é muito pouco, porque não há a possibilidade dos jovens ocuparem melhor o seu tempo livre. Em São Paulo, quando trabalhei lá, introduzimos uma coisa chamada Bolsa Trabalho, cujo nome era Bolsa Que Substitui o Trabalho, ou seja, ao invés de estimular o jovem ir pro mercado de trabalho, pra formação pro mercado de trabalho, muito pelo contrário, era uma formação que era dada visando a questão da cidadania, para que o jovem compreenda a vida em que ele se encontra (jovens pobres, certo?), que ele entenda que a pobreza não é um fenômeno natural, é um acontecimento político, e a superação da pobreza pressupõe a participação desse jovem no seu processo de emancipação. Então era uma bolsa que permitia ele deixar de ir ao mercado de trabalho pra poder fazer gastos, mas ao mesmo tempo comprometido com uma ocupação do tempo livre diferenciada. É um caso relativamente pequeno....

JUVENTUDE.BR: Mesmo que fosse uma ocupação só para a suposta qualificação dele (suposta, porque trata-se como se o problema do mercado de trabalho fosse a má qualificação dos jovens), já seria interessante por permitir o tempo livre.

MP: Exatamente. Na verdade era desde contador de história, cara que aprendia a fazer pipa, viver em comunidade, ou seja, outras ocupações, outras...

JUVENTUDE.BR: Interações sociais.

MP: Exatamente, criando-se esta ideia de sociabilidade, claro que isso é uma iniciativa pontual, mas não criamos equipamentos para isso, você começa a olhar onde estão os equipamentos de esporte, por exemplo, no Brasil, evidentemente você precisaria ter uma política de esportes com concepção de quadras esportivas, aparelhadas, importantíssimo isso, não apenas para a juventude, mas enfim... estou querendo combinar cinema, teatros, essa parte mais lúdica da vida. Você pega de cada 10 cidades brasileiras, apenas uma tem cinema. Quantas cidades tem teatro? E muitas vezes nas cidades em que há teatro a população não conhece aquele teatro, então, quer dizer, esta preocupação sendo com jovem. É jovem, se não der educação é prisão... quer dizer, não tem muitas alternativas de políticas públicas, na verdade não se construiu um repertório de possibilidades para ocupar tempo livre.

JUVENTUDE.BR: Professor, você apresentou esta questão de como os jovens foram impactados por este novo fenômeno, não só demográfico, mas como político e de mudança no mercado de trabalho. Qual a importância para o país dessas mudanças que o senhor apresentou? Nessa perspectiva de que deveria ser feita uma mudança qualitativa da entrada do jovem no mercado de trabalho, quero dizer você elevar a qualidade da educação, o tempo que o jovem permanece na escola. Como isso impacta também o país de forma geral, ou o mercado de trabalho? E como segunda questão, já que tem uma relação com esta: o senhor acredita que a forma como o jovem ocupa o mercado de trabalho se modifica a depender da divisão internacional do trabalho, ou seja, existem países que tratam seus jovens de uma forma por que ocupam uma condição específica na divisão internacional do trabalho, ou você acha que isto não tem uma relação? Quer dizer, o país que dá mais educação, o país que deixa seus jovens mais tempo estudando, isso também tem uma mudança no padrão de desenvolvimento nacional?

MP: Bem, eu começaria dizendo que a nossa perspectiva política de políticas públicas, é uma perspectiva do século XIX, a gente olha o



tema da educação, por exemplo, como sendo uma necessidade para preparar as pessoas para o mercado de trabalho, ou seja, nós temos uma visão funcional da educação. Eu acho que é um equívoco querer reproduzir esta visão de uma educação funcional porque, na verdade nós teríamos que ter educação pra vida toda, então eu defendo políticas de uma educação para a vida toda e não mais olhando crianças, adolescentes e jovens. Muitas vezes estranho, em determinada sala de aula, alguém perguntar diante de alguém com 60, 70 anos estudando: “Por que você está estudando? Já está aposentado?!” ou seja a visão da educação para o trabalho; “O que você vai ser meu filho, quando for grande?”, “Que faculdade você vai fazer? Que curso você vai fazer?”; ou seja, a ideia da educação, na verdade, é muito limitada ao mercado de trabalho. Eu acho um equívoco, até porque a determinação do emprego, a determinação do mercado de trabalho não é dada pela educação. Nós temos países com alta educação nos seus povos e empregos precários. A educação tem que ser vista como um ativo, um grande ativo de construção de valores, de cidadania, de sociabilidade e também formação, ou seja, educação não é só o espaço de sala de aula, não é nenhuma prisão como muitas vezes se quer, de tal forma que esta perspectiva de que é necessário elevar a educação para constituir um país decente, do ponto de vista da qualidade de vida, do ponto de vista do sentido da vida, dos seus indivíduos, do seu povo. Isso não necessariamente responde as demandas da economia, e aí tem a forma de como o país se insere na economia mundial. Hoje estamos diante das chamadas cadeias globais de produção e isto está revelando na verdade um certo estranhamento pelo fato de que há uma espécie de inflação de diplomas, especialmente na Ásia, mas em todos os países há uma pressão por criarem ensino de pós graduação e obviamente a economia não gera esta demanda de tantas pessoas com este grau de conhecimento, até negando algo que se imaginava desde os anos 70, a respeito desta sociedade pós industrial em que vivemos. Imaginava-se que seria uma sociedade em que quem não estudasse não teria emprego. É só olhar o perfil do emprego aberto nos Estados Unidos, na França, quais são os setores que mais empregam mão de obra? tem alguma relação com a formação? Imagina!

Eu acho necessário descolar um pouco a educação da economia. A educação tem que cumprir o seu papel, a economia vai responder. Se eu ficar prisioneiro... Algumas pesquisas revelam que quando você pergunta para os jovens o que ele acha da sua formação depois que entra no mercado de trabalho. Há um descompasso enorme: o que diziam que eu ia fazer, o que seria aquele curso que eu estava fazendo, e depois quando vinha trabalhar, na verdade era uma negação do que diziam que eu ia fazer. Porque as condições de trabalho são muito precárias, os salários são baixos, o que eu

quero chamar atenção é que um país desenvolvido é um país que evidentemente pressupõe um tipo de organização econômica, mas eu não associaria a educação ao mercado de trabalho.

JUVENTUDE.BR: O senhor acredita que existe uma inserção diferenciada do jovem no mercado de trabalho a depender do nível de desenvolvimento de cada país? O mercado de trabalho é diferente pro jovem de uma país desenvolvido para um jovem de um país periférico?

MP: Sim, claro, não tenha dúvida, mas veja estes acontecimentos que estamos acompanhando agora na França. Quem são estes? Consta que 800 mil jovens franceses, nascidos na França foram aderir ao Estado Islâmico. Bom, quem atacou a França, não foi nenhum estrangeiro, foi gente nascida, reconhecida lá na França, são filhos dos franceses, tudo bem que tem etnias diferentes, etc. É um país desenvolvido, mas é um país que não dá resposta do ponto de vista da perspectiva dessa juventude. Como é que você ocupa o tempo livre, qual é o sentido da vida? Você está estudando pra que mesmo? Estudando para o mercado de trabalho, é isso? Esse mercado de trabalho lhe oferece condições muito limitadas de ascensão? Acho que estamos vivendo um momento nesse sentido, em que os jovens, sobretudo, não se acomodaram, até porque o ciclo da vida leva a um certo processo de acomodação. A pessoa é jovem, casa, tem filho, vai se acomodando. É a juventude que é a esperança e as motivações principais para mudar os acontecimentos históricos. E o que eu vejo é uma certa acomodação dentro das políticas, que são políticas do final do século XIX. São políticas de enquadramento do jovem, a educação como preparação para o ingresso no mercado trabalho que vai oferecer a este jovem 30-35 anos de trabalho e ele vai completar o ciclo de vida, vai casar, ter filhos, depois se aposentar e morrer. Isso está em xeque, e a educação não vai responder a estes desafios colocados por parte importante da juventude que não quer o que temos de hoje, porque o processo educacional é muito viciado, um processo que não dá respostas, que reproduz a perspectiva de uma sociedade do final do século XIX.



+ Cultura

+ Educação

+ Mobilidade

+ Economia

+ Esporte

+ Direitos



Passe Livre

acesse:

passelivre carioca.com.br

Realização:

